

OS DENTES DA MULTIDÃO: UMA ARQUEGENEALOGIA DO RISO

THE TEETH OF MULTITUDE: AN ARCHEOGENEALOGY OF LAUGH

Daniel Perico Graciano¹

Cássia Dos Santos²

RESUMO: Realizamos uma breve reflexão acerca do riso como forma de enunciado comandado por interesses político-econômicos que regem as relações de poder desde o período de consolidação do cristianismo no Império Romano até a atualidade. As proibições do riso ao longo desse período se manifestam como função enunciativa de um dispositivo estratégico do poder pastoral, a partir de arranjos de linhas de forças que instauram programas de verdade. As reflexões presentes neste artigo têm por pretensão realizar uma análise *arqueogenealógica* pautada no pensamento de Michel Foucault, a fim de apreender, identificar e descrever alguns dos arranjos que emergem das relações de poder expressas na historicidade da forma de enunciar em questão. Para isso, traçamos uma história de forma a concebê-la como um problema ou um conjunto de questões, rompendo com uma concepção linear e teleológica, a partir de enunciados que evidenciam a relação entre riso, poder e resistência. Elaboramos, dessa forma, ainda que brevemente, um histórico das práticas discursivas das quais emergem a produção de subjetividades dóceis condizentes com as necessidades de manutenção do poder político e econômico associado ao dispositivo religioso.

Palavras-chave: Riso; arqueogenealogia; análise do discurso.

ABSTRACT: We aims to a brief reflection about laugh as a form of enunciation commanded by political-economic interests that govern relation of power from the period of consolidation of Christianity in the Roman Empire to the present day. The prohibitions of laugh throughout this period are manifested as an enunciative function of a strategic apparatus of pastoral power, based on arrangements of forces lines that establish truth programs. The reflections in this article intend to carry out an archeogenealogical analysis based on Michel Foucault thought's, in order to apprehend, identify and describe some of the arrangements that emerge from the relations power expressed in the historicity of the form of enunciation in question. For this, we traced a history in order to conceive it as a problem or a set of questions, breaking with a linear and teleological conception, based on statements that show the relationship between laugh, power and resistance. In this way, we elaborated, briefly, a history of discursive practices from which emerge the production of docile subjectivities consistent with the needs of maintaining the political and economic power associated with the religious apparatus.

Keywords: Laugh; archeogenealogy; discourse analysis.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

² Mestranda em Teorias do Discurso pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo-USP.

1 Introdução

“O riso não coíbe o homem, liberta-o”
Bakhtin (2017, p. 25)

Assim como há diversas formas de expressar revolta e indignação, há diversas formas de expressar alegria e contentamento, uma delas, a mais evidente e recorrente, se expressa por meio de um elemento paralinguístico: o riso.

Rimos às vezes por estratégia, arquitetada e calculada, às vezes de maneira quase inconsciente. É claro que, em um primeiro momento, evidencia-se o estranhamento. Tudo fala, tudo grita e toda seriedade tenta se fazer audível no campo de presença daquele que ri. Paradoxalmente, aquele que não acende sua lanterna de signos é, nesse caso, o único a ser visto na escuridão. Quem é esse que ri? Quem é esse que ousa se esquivar da tristeza que impulsiona o capital? Rir impressiona. O riso, como elemento paralinguístico, não tem significados predeterminados, há uma dissociação da virtualidade do significado em relação ao significante. O riso depende totalmente do subentendido para ser interpretado, o significado do riso não é imanentemente marcado na sequência sonora formada na expressão. Em outras palavras, não há um contínuo de ideias historicamente convencionadas por uma dada comunidade que, fixadas e inflexíveis, se atrelem diretamente a um contínuo sonoro que caracteriza a expressão do riso.

O riso não é transparente. O riso esconde signos verbais. Quem ri, cala.

Falar de emoções em sua relação com a ordem do discurso é atentar para o fato de que em todo discurso há *pathos*. Além disso, “os surtos totalitários da eloquência que enlaçaram o século XX e os desastres humanos que eles engendraram deveriam [...] nos prevenir dos perigos que há em perder a memória dos poderes das emoções nos discursos” (COURTINE, 2016, p. 19). O riso, a memória perdida, corresponde não somente aos poderes que a alegria que ele expressa exerce na produção de sentidos, mas à sua própria realização, que, aos poucos, vai sendo apagada, se tornando cada vez mais rara. No entanto, a questão aqui não é o efeito que o riso pode ou não suscitar, mas como ele é alternativo à linguagem verbal e como se dá - por isso - sua interdição em diversos contextos. Quais acontecimentos são indicados nas interdições do riso? Quais intervenções ela indica em termos de produção de subjetividades? Quais são os fios pelos quais se tece a intrincada trama que liga a resistência pelo riso à submissão pela “seriedade”?

Pode-se aplicar noções como “interdição” e “ordem do discurso” ao riso? Podemos considerar o riso um enunciado? O que é um enunciado? Para Foucault:

É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita); é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p. 75)

Ora, o riso traz consigo efeitos de sentido; é uma função de existência; não produz sentido sozinho, sempre necessita de uma correlação com outros enunciados; realiza um ato ao ser atualizado, ele é por si só um acontecimento. O riso atende às características de um enunciado.

Falar de enunciação é falar do corpo, o riso pode fazer uma mediação entre a língua e a expressão corpórea da paixão. O riso tem ritmo, tem voz, informa, comunica e, portanto, dá ordens, “ri” das ordens. O riso é uma força biopolítica, isto é, um instrumento de produção alternativo às relações de poder. Ele se opõe ao biopoder: por um lado existem as arquiteturas de poder que se distribuem a partir de aplicações em redes capilares, o poder que gerencia a vida, o poder que age sobre a vida. Por outro lado, existe uma resistência, uma luta que afirma a própria vida em si. O riso é biopolítico quando produz uma linguagem que compõe e fortalece as redes de cooperação e interação sociais, as misturas, as quedas de fronteiras e hierarquias, quando zomba do poder e cria subjetividades marginais em relação a ele. No entanto, a biopolítica é anterior ao biopoder, o segundo é que reage, por pavor, à primeira.

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (BERGSON, 2001, p. 15)

Interditar o riso é “conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2012, p. 9), neutralizar sua potência e, ao mesmo tempo, evidenciá-la. Em inúmeras circunstâncias, por mais de uma vez e por longos períodos, o riso foi reprovado por ser considerado vulgar, por ser considerado desafiador, por ser considerado insolente. Segundo Canetti “porque, quando se ri, abre-se bem a boca” (CANETTI, 2019, p. 221), mostrando os dentes animalescos. Mas outros fatores levantam suspeita em relação às possíveis causas dessa interdição: será por expressar alegria? Isto é, pelo medo que a alegria desperta nas linhas de força que compõem o poder? Na maioria dos casos, o riso pressupõe alegria. De acordo com Spinoza, “o desejo que nasce da alegria [...] é mais forte que o desejo que nasce da tristeza” (SPINOZA, 2013, p. 269), o afeto alegre é, assim, a maior potência possível de autonomia das multidões, já que ele evidencia o desejo de afetar e ser afetado em relação aos mais diversos encontros. A alegria é, para o filósofo luso-holandês, uma passagem da nossa mente a uma maior perfeição. Só conhecemos, eticamente, aquilo que para nós é “bom” por meio das experiências em que fomos afetados de alegria. A alegria é um afeto primário (SPINOZA, 2013), mas é o mais forte dos afetos biopolíticos. Sentir medo da alegria é sentir medo da potência da multidão, o medo é uma tristeza instável, porque também é incerteza de que aquilo que não quero pode acontecer, está ligado a algo que odiamos, quem odeia a multidão e é incerto de seu perigo frente a manutenção das relações de poder sente medo.

Outros medos, no entanto, podem “justificar” a aversão ao riso, como o medo inconsciente dos dentes. Tal cogitação não é tão ingênua quanto parece³. Afinal, os dentes são o signo original da ameaça do predador, durante a maior parte de nossa história, essa foi uma das

³ Sobre o medo de dentes, ver CANETTI, E. As entranhas do Poder. In: *Massa e Poder*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2019.

maiores e mais constantes ameaças e sentenças de morte que enfrentamos. Os dentes são, dessa forma, o signo da natureza se sobrepondo à cultura, quando são também uma pré-condição para a sobrevivência humana. Isto é, tratar-se-á de um medo hobbesiano do “estado de natureza”?

2 Medo riso, meda da Multidão

No início do século IV de nossa era, Constantino, imperador romano, teve um sonho que alteraria radicalmente o curso da história. Sonhou que, ao se converter ao cristianismo, unificaria o império, se transformando em seu único soberano. Desde então o império se tornou cristão. Não haveria mais patrocínios às festas pagãs, cuja proibição foi decretada por Arcadius em 395. Em 425 a comédia foi proscrita por Teodósio e Valentiano II, em dias religiosos e aos domingos. O Concílio de Tours, em 567, chamou as festas pagãs e as apresentações cômicas de “festas de loucos”, o riso e a alegria das multidões são pouco a pouco segregados com a consolidação do cristianismo.

O cristianismo é uma religião de lamentação⁴, defensor dos valores da morte e da tristeza:

O fato de não haver finalidades “santas” no cristianismo é a *minha* objeção aos seus meios. Apenas finalidades ruins: envenenamento, difamação, negação da vida, desprezo do corpo, rebaixamento e autoviolação do homem pelo conceito de pecado - portanto, também seus meios são ruins. (NIETZSCHE, 2016a, p. 56)

Não havia espaço para o riso nos primórdios do cristianismo como religião oficial do império. “Cristo jamais riu”, dizia Crisóstomo. No século IV, Basílio escreve: “Os relatos evangélicos o atestam, jamais ele [Jesus] cedeu ao riso. Pelo contrário, ele chama de infelizes aqueles que se deixam dominar pelo riso” (apud MINOIS, 2003, p. 83). Para Minois:

O cristianismo é pouco propício ao riso. Essa afirmação será, sem dúvida alguma, contestada: opor-se-á o “verdadeiro” cristianismo, sorridente, ao “falso” cristianismo, triste; serão evocados os sorrisos de Francisco de Assis e de Francisco de Sales, os alegres abraços de celebração e os risos dos presbitérios.

Tudo isso é verdadeiro, mas um pouco factício: o riso não é natural no cristianismo, religião séria por excelência. Suas origens, seus dogmas, sua história o provam. (MINOIS, 2003, p. 76)

No século V, a comédia *Querolus*, uma *Aulularia*⁵ de autor anônimo, foi encenada na

⁴ Sobre religiões de lamentação, ver CANETTI, E. Malta e religião. In: Massa e Poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. O autor distingue religiões de lamentação, religiões de guerra e religiões de festa. As de lamentação se caracterizam pelo sofrimento e queixa constantes para a remissão de seus “pecados”, lamenta-se sempre a morte violenta de um jovem, entre esses religiosos destacam-se os cristãos (que lamentam a paixão de Cristo) e os xiitas (que lamentam a paixão de Hussein).

⁵ Subgênero de peças teatrais que reveza interpretações faladas e cantos líricos.

capital do império com grande sucesso e foi a última manifestação cômica por um período que durou séculos e séculos. O carnaval foi marginalizado no mesmo período, por sua associação com antigos ritos pagãos. Toda forma de riso não regulada pela instituição cristã passa a ser condenável. A inspiração vem do evangelho, onde não é tão difícil se deparar com enunciados como:

Felizes vós que chorais agora: vós ríreis. Infelizes vós que ris agora: ficareis em luto e chorareis (Lc 6, 21, 25).

Reconhecei vossa miséria, tomai o luto, chorai, para que vosso riso não se transforme em luto e vossa alegria em abatimento. (Tg 4, 7)

Em ambos enunciados, um “eu” elíptico fala à terceira pessoa do plural (“vós”, “vosso”, “vossa”), nos dois excertos o locutor se coloca de fora desse “vós” homogêneo a quem se dirige, está além dos “Infelizes” que vivem em “miséria”. Paradoxalmente, associa-se a “miséria” e a infelicidade àquele que expressa alegria, ao passo que se associa a felicidade a quem chora (“felizes vós que chorais”). Temos aí um bom exemplo da “inversão de valores” descrita por Nietzsche: a má consciência e o ressentimento cristãos não permitem a criação de valores condizentes com suas crenças, já que a criatividade demanda força, porém permitem a inversão de valores já existentes:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início, a moral escrava diz Não a um "fora", um "outro", um "não-eu" – e esse Não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – esse necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é, no fundo, reação. O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão – seu conceito negativo, o "baixo", "comum", "ruim", é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior. (NIETZSCHE, 2016b, p. 10)

O repúdio ao riso parece, ao que tudo indica, ser uma herança da origem judaica da religião cristã, já no livro de *Eclesiastes*, que data de 450 a.C., encontra-se um veemente repúdio ao riso e um elogio ao luto, em diferentes trechos do poema:

II. 2. Ao riso § disse: despautério §§§
E ao júbilo § que faz de sério?

VII. 3. Melhor sofrimento § que riso §§§
Pois em rosto amargo § há coração largo.

4. Coração de sábio § na casa do luto §§
e coração de estulto § na casa do prazer.

5. Melhor §§ escutar § reprimenda de sábio §§
Que alguém §§ dar escuta § a cantilena de estulto.

6. Pois como a urtiga estala § sob o tacho quente §§
assim estridula § o riso do estulto §§
E também isso § névoa-nada.⁶ (Ecl II, 2; VII, 3 - 6)

O adjetivo “estulto” qualifica tanto aquele que ri (“o riso do estulto”), quanto aquele que não guarda luto, que sente prazer (Coração de sábio § na casa do luto §§ e coração de estulto § na casa do prazer). Constrói-se, assim, no enunciado a imagem daquele que ri, o Aurélio online define “estulto” como: “Característica de quem não tem discernimento nem bom senso; néscio, inepto. Que se comporta de maneira estúpida; parvo, imbecil, tolo”⁷. Dessa maneira, quem expressa alegria se opõe ao do lutuoso, que é “sábio”.

Tal herança judaica relativa à interdição cristã do riso não é uma exclusividade de sua assimilação romana, em um texto do século II, chamado *Questões de Bartolomeu*, o diabo explica como faz uso do riso em seus projetos:

Temos outros ágeis servidores a quem damos ordens. Nós os equipamos com muitos anzóis e os enviamos à pesca. E eles capturam para nós a alma dos homens, adoçando-os com delícias variadas, isto é, com a embriaguez e o riso, a calúnia, a hipocrisia, os prazeres, o deboche ou, ainda, com todos os outros meios de enfraquecimento, retirados de seus tesouros.⁸

Satã faz uso de um “nós” exclusivo (um “eu” amalgamado a um “eles”), o que implica que a divindade antagonista do cristianismo é uma coletividade que dá “ordens” a uma outra coletividade (“eles”) que captura “almas” humanas. Esse grupo que recebe ordens é um conjunto de práticas e afetos personificados: além do “riso”, a “embriaguez”, a “calúnia”, a “hipocrisia”, os “prazeres”, o “deboche”. O grupo é uma multidão, pois a ele se juntam “todos os outros meios de enfraquecimento”. Há, no excerto, indícios de um medo que permeia toda prática de poder: o medo das multidões. A “demofobia”, é manifesta no radical “demo” em “demônio”, trata-se do medo da potencial emergência do *demos* (δημος), cuja força poderia ameaçar qualquer hierarquia estabelecida pelo clero e pela coroa.

Em um outro livro do século II, *Atos do apóstolo Pedro*, o riso é associado à possessão demoníaca: “Pedro voltou-se para a multidão que estava atrás dele e viu, no meio dela, alguém sorrir, alguém possuído por um demônio muito maligno. Pedro lhe diz: ‘Quem quer que sejas tu, que riste, mostra-te abertamente a toda a assistência’” (At 11). O demônio estava misturado à multidão, e só é descoberto porque sorri. A alegria expressa por meio do sorriso é um temido demônio quando se mistura às multidões.

Aos poucos, a recriminação e a marginalização do riso vão se transformando em proibição. Basílio, o arcebispo de Cesareia, decreta no século IV: “não é permitido rir, em qualquer circunstância, por causa da multidão que ofende a Deus, desprezando sua lei. O

⁶ Todos os excertos foram retirados da tradução de: CAMPOS, H. Qohélet/O que sabe - Eclesiastes. São Paulo: Perspectiva, 1991.

⁷ <<https://www.dicio.com.br/estulto/>>

⁸. Questões de Bartolomeu, 4, 44. In: *Escritos apócrifos cristãos*.

Senhor condenou aqueles que riem nesta vida. Portanto, é evidente que, para os cristãos, não há circunstância em que possam rir” (BASÍLIO apud MINOIS, 2003, p. 86). A coletividade (“multidão”) aparece como a “causa” do riso “que ofende a Deus”. A descrição da coletividade como antagonista à religião cristã já se apresenta em algumas passagens do evangelho, como, por exemplo, no exorcismo do geraseno, em que o demônio se apresenta da seguinte forma: “Legião é o meu nome, porque somos muitos” (Mc 5, 1-20). Proibir o riso é proibir uma manifestação demoníaca, isto é, a alegria das multidões. O medo se intensifica conforme emergem as grandes insurgências contra o império: as invasões germânicas, a partir do final do século III; a grande campanha dos hunos no século IV; os saques visigodos, as invasões dos alanos, dos jutos, dos anglos e dos saxões no século V. O nomadismo das multidões “bárbaras” e pagãs aterrorizava “santa” “civilização” romana.

No entanto, reprimir e proibir uma reação quase sempre involuntária, é uma empreitada fadada ao fracasso. A biopolítica do riso foi aos poucos capturada pelo biopoder cristão para produzir uma nova forma de vida pautada na falsa felicidade, nos falsos sorrisos, nos falsos êxtases. A igreja lança axiomas sobre o riso assimilando-o junto a outros “costumes pagãos”, como por exemplo, o Natal. Dois tipos de risos eram considerados legítimos para o papa Gregório por volta do ano 600: zombar dos “maus” e se alegrar com o “bem”. Os conceitos relativos de “bem” e “mal” são elementos que qualificam o sujeito de ter o direito privilegiado de rir ou não. Quem são os “maus” de quem é permitido zombar? Os que ameaçam o poder despótico e totalitário da igreja? O que é o “bem”? Tudo aquilo que coopera para a manutenção desse poder? “Além do riso de puro divertimento inocente, o mais discreto possível, há, de fato, um riso lícito que é a zombaria contra o mal. Os pais não se privam dele, em particular são Jerônimo, que também o usa contra os heréticos. São Irineu põe no ridículo os gnósticos” (MINOIS, 2003, p. 91).

O riso se transforma em um ritual no interior da doutrina cristã, são determinadas condições específicas para o riso a partir de regras que limitam seus alvos aos “maus”, isto é, aos “heréticos” e aos “gnósticos”, aqueles que não compartilham dos mesmos programas de verdade instaurados pela fé católica. O riso é admissível somente quando praticado por um cristão, ou seja, por alguém qualificadamente “bom” para fazê-lo; segundo certas circunstâncias, quando deparado com alguma heresia ou algum sinal de gnosticismo.

Assim é que, no início da Alta Idade Média, se promove a domesticação, se não da alegria, de sua expressão mais característica.

3 Contrarrevolução: colonização e morte do riso

A renascença revitalizara o carnaval e as comédias, o riso popular voltava aos poucos a se esboçar nos rostos fragmentados da multidão. Na primeira metade do século XIV uma nova multidão invadiu a Europa, uma multidão invisível: a peste negra⁹. A epidemia dizimou entre 30 e 40% dos europeus. Em decorrência disso “as hierarquias sociais foram viradas de cabeça para baixo, devido ao efeito nivelador da montante generalizada” (FEDERICI, 2018, p. 96), havia abundância de terras, as classes menos abastadas foram beneficiadas com a intensa modificação das relações de poder. Podia-se plantar à vontade, começou a se esboçar uma época de abundância e autonomia, durante certo período (entre o século XIV e o século XV) houve

⁹ Doze galeras vindas de Constantinopla aportaram em Messina no ano de 1347, trazendo, junto ao seu carregamento, os ratos que espalhariam a peste por todo o continente Europeu.

motivo para o riso, “no fim do século XIV, as amarras entre os servos e a terra haviam praticamente desaparecido”. (FEDERICI, 2018, p. 102)

A *commedia dell'arte* zombava do poder em praça pública, é a concretização artística da mestiçagem e hibridismo que compõe a multiplicidade multitudinária, a roupa multicolorida do arlequim é feita de retalhos vindos de todo o mundo conhecido, de todas as partes, ele faz rir sem respeitar as fronteiras entre “bem” e “mal”.

Porém, como as relações de poder estavam totalmente abaladas, a alegria da multidão sofreu um novo golpe, talvez o maior de todos. No período que vai do final do século XV ao início do século XVI, instaurou-se uma violenta contrarrevolução. Na Europa pune-se energicamente os movimentos heréticos, o corpo feminino é queimado em fogueiras ou estuprado livremente, com total consentimento do Estado. No “novo mundo”, a terrível expansão colonial realiza o maior de todos os holocaustos, a morte branca varre as rubras Américas, enchendo de sangue e o ouro os bolsos de Jesus Cristo. O capitalismo nada mais é que a contrarrevolução, uma medida austera, movida pelo pânico, que visa prevenir ameaças às relações de poder vigentes e punir a multidão por sentir alegria e ousar construir uma vida melhor:

O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal – possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Devemos enfatizar este aspecto, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez. (FEDERICI, 2018, p. 44)

A contrarrevolução se estende também ao riso, interdita-se o carnaval e a comédia, aquele que ri é um degenerado. Uma nova interdição do riso é condizente com a conjuntura europeia:

[há um] movimento contra o riso [que] é apenas uma das consequências da evolução global da civilização ocidental. Sejam sérios, retomemo-nos! Essa é a palavra de ordem de uma Europa consciente da necessidade de restaurar a ordem ameaçada pelas fortes sacudidas das descobertas e das Reformas. Ora, o riso é a desordem, o caos, a contestação. Não é rindo que se fundam as bases de um mundo estável e regenerado. O recreio terminou. (MINOIS, 2003, p. 222)

Em 1540 a Normandia interditou o dia dos gordos e as mascaradas de Connards em Rouen, em que se imitava o papa, o rei e o imperador. O antipapismo dos carnavais de Wittemberg, Bale e Zurique, assume tons de revolta em 1523. Em Lucerna, bonecos que representavam o líder protestante Ulrico Zuínglio¹⁰ foram queimados. O riso das multidões começa novamente a ameaçar as relações de poder.

O século XVI caracteriza a divisão entre as culturas popular e erudita (MUCHEMBLED, 1978). A cultura popular é mais afeita à diversão, enquanto a cultura

¹⁰ Teólogo que liderou a reforma protestante na Suíça e fundou as igrejas reformadas no país, no início do século XVI.

erudita despreza a expressão de emoções em nome de um “controle” da razão. A primeira é a cultura das multidões e a segunda a das elites.

A loucura, nesse período, deixa de ser um poder especial profético e passa a ser segregada, o discurso do louco já não pode ser transmitido como os demais (FOUCAULT, 2012). Autores como Brant associam o carnaval à loucura e ao diabo: “a ideia de que o Carnaval é feito para se divertir é invenção do diabo ou da loucura” (apud MINOIS, 2003, p. 225). Um novo estigma começa a se associar ao riso: a loucura. Isto é, a oposição à norma, a carnavalização da norma.

Rabelais toma partido do riso e, assim, da cultura popular. Em *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin desenvolve o conceito de carnavalização (BAKHTIN, 2010), para descrever a ridicularização que subverte a pompa elitista da erudição. As análises do pensador russo identificam na obra de François Rabelais marcas da carnavalização que caracteriza a cultura popular. Para Bakhtin:

O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno) [...] a degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo renascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação [...] O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal, o baixo é sempre o começo. (BAKHTIN, 2010, pp. 18-19)

A terra é o lugar das coisas materiais, de onde a vida nasce e cresce. A apreensão do *sentido* só é possível a partir do conhecimento das forças que se relacionam e se conflitam na constituição material de um dado fenômeno. O riso é anti-metafísico ri-se na terra, pela força da terra, pelo sentido da terra. O riso é um signo, por isso ele deve se atualizar em uma força para obter *sentido*. Rir é produzir sentido a partir do que se vê, do que se toca, do que se ouve, do se cheira, enfim, do que se apreende com os sentidos. A relação entre forças nunca pode ocorrer duas vezes da mesma maneira, por isso é relativa ao contexto sociopolítico específico, assim, não há um fim (objetivo) que mova o sentido das forças (céu, paraíso ou terra prometida). Mas o sentido do riso se direciona sempre para um conflito que gera um riso redirecionado para novos fins: nova utilidade, nova potência, o próprio subjugamento do acontecimento já é um novo acontecimento, por isso não há um *progressus* que vai no sentido de uma finalidade. Assim, o riso é fluxo, desequilíbrio, metamorfose, desorganização, de maneira que o número de sentidos que ele expressa é equivalente ao número de forças em relação para compô-lo. Para produzir sentido pelo riso, as forças que chegam para a guerra com outras pré-existentes, devem vestir suas máscaras carnavalescas. Para ser possível, o riso deve rir a matéria.

Em 1579, o médico francês Laurent Joubert escreve enunciados que buscavam reprimir o riso por meio do medo, como: “as jovens são aconselhadas a evitar rir tolamente, e avisadas de que podem envelhecer mais cedo” (JOUBERT, 1973, p. 116) ou “o meio-termo entre a alegria e a tristeza, cada uma das quais, quando extremada, levava à morte” (JOUBERT, 1973, p. 88). O enunciador afirma que o ato de rir e a expressão da alegria são perigos que podem levar ao envelhecimento precoce e, até mesmo, à morte. Há a produção de um efeito de advertência em ambos os enunciados. No primeiro, são “as jovens [que] são aconselhadas a evitar rir”, o enunciado revela uma posição do enunciador em relação às mulheres que pode ser interpretada

como misógina, já que o riso não é útil no trabalho reprodutivo e indica certa autonomia indesejável para um corpo que, para quem o concebe como propriedade, deve permanecer domesticado. Elas, “as jovens” são “avisadas” de que “podem envelhecer mais cedo” caso “rirem”, o uso do verbo no particípio plural feminino nos permite identificar uma arrogância por parte do enunciador, pois só se pode avisar a uma massa homogênea (“as jovens”) se quem avisa for mais sábio que quem é avisado. Além disso, o enunciador pressupõe, antes de tudo, que a velhice precoce seja uma ameaça real, que pode gerar preocupação. No segundo enunciado, vemos uma equivalência atestada pelo enunciador que coloca o extremo da alegria e o extremo da tristeza como iguais, apagando suas evidentes diferenças, trata-se de uma estratégia de retórica identificada por Aristóteles como fala paralógica: “a falácia provém da semelhança entre duas coisas distintas e a semelhança provém da linguagem” (ARISTÓTELES, 1978, p. 165). Assim, ambas levarão à mesma consequência: a morte. O que há de comum entre os enunciados é a ameaça, que provoca medo em relação ao riso.

No século XVII, novas concepções são forjadas a partir das relações entre riso e poder. Há uma associação entre o poder civil e o poder religioso cujo fim é encarcerar o corpo não domesticado. Para Foucault:

Se a loucura no século XVII está como que dessacralizada é de início porque a miséria sofreu essa espécie de degradação que a faz ser encarada agora apenas no horizonte da moral. A loucura só terá hospitalidade doravante entre os muros do hospital, ao lado de todos os pobres. É lá que a encontraremos ainda ao final do século XVIII. Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral. Se o louco aparecia de modo familiar na paisagem humana da Idade Média, era como que vindo de um outro mundo. Agora, ele vai destacar-se sobre um fundo formado por um problema de “policia”, referente à ordem dos indivíduos na cidade. (FOUCAULT, 1978, p. 72)

Se o riso é sintoma de loucura, quando se ri, corre-se e assume-se o risco do encarceramento. Aquele que ri é louco e o louco é indesejado, encarcerado, a rua deve estar livre de loucos e de riso.

As diferentes condições epistemológicas que se instalam entre os séculos XVIII e XIX, com suas revoluções burguesas, apresentam um gradual afrouxamento das interdições relativas ao riso. Em seus escritos sobre arte, Charles Baudelaire (2002, p. 11) dirá: “o sábio teme por ter rido; o sábio teme o riso assim como teme os espetáculos mundanos, a concupiscência. Ele se detém à beira do riso assim como à beira da tentação”. Quem ri, ri de algo, sábio não é não rir, mas temer ter rido. Isso é, entre o já realizado e o potencial realizável, se preocupar por uma expressão do passado, projetar seu futuro. A zona de indeterminação do sábio é maior. Deter-se à beira do abismo, é se contar, se reprimir, calcular, para não ceder à emoção, se preservar. Se convém “determinar sua função útil, que é uma função social, [...] o riso deve corresponder a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 2001, p. 6). O riso deve ser socialmente contido, deve ser expresso a partir de uma função, uma finalidade, assumindo, assim, uma carga, pouco a pouco, produtiva e, de certo modo, transcendente a si.

4 O riso em tempos de pânico

*“Nunca fomos catequizados.
Fizemos foi carnaval.”*

Oswald Andrade (2008, p. 133)

Quando um acontecimento desencadeia um determinado estado de coisas, há diferentes graus de intensidade com que esse acontecimento afeta cada sujeito, às vezes esse estado é quase imperceptível, às vezes é extremo. Um extremo é o pânico. O extremo da dúvida em relação a potencialidade da catástrofe. Dúvida acerca da força dos pilares que sustentam os valores que regem nossas vidas. O antigo medo hobbesiano foi substituído pelo pânico característico de quem se vê à beira da morte, tossindo suas últimas golfadas de sangue. O capital é já um decrépito ferido de morte, infeccionado, tentando sugar das criancinhas um pouco de vida para sobreviver por mais um dia.

O riso é um instrumento de liberação da própria potência de ser e de agir. A criança ri, a multidão ri. O poder tem pânico da multidão que ri – da carnavalização multitudinária do “Índio vestido de senador do império” (ANDRADE, 2008, p. 39). É a alegria de Spinoza, maior e mais forte, mais potente e mais ativa que qualquer tipo de tristeza, que qualquer tipo de opressão, que qualquer tipo de hierarquia.

O capital contemporâneo é um sequestrador desse tipo de fluxos cuja relação tecem as expressões de alegria, ele rouba e usa. O fluxo que se dirige como resistência ao neoliberalismo é capturado, decodificado, sobredecodificado e cooptado, para ser revertido em alimento para suas relações de força. Hoje obriga-se a rir, assim como obriga-se a falar, para extrair desse rir renda e lucro. O biopoder não pode com o riso e, por isso, o sequestrou, o adestrou e o trancou em uma jaula. Além disso, rir é, em tempos de hegemonia das redes sociais, fornecer dados: como se ri? Do que se ri? Em que condições? O que esse riso indica?

É claro que ainda há riso como resistência, ainda há riso que expressa alegria, sempre haverá. Mas há também o riso feio, padronizado, pré-significante, pré-moldado, pré-programado. Rir de quem é previamente risível, rir do aberrante, do “mal”, daquele que assume para si suas marcas de diferença e, principalmente, rir de pânico, essas são as principais formas de riso promovidas e fomentadas pelo poder.

Rir de pânico é marca do terrível niilismo do último-homem (NIETZSCHE, 2018). O niilismo desse homem obediente, domesticado, anestesiado, que se encontra em queda livre. Por isso, devemos amar esse último-homem, porque ele tem vontade de declinar. Sua queda é necessária para que renasça e supere a própria fraqueza, para ao invés de rir *de* pânico, possamos rir *do* pânico.

As interdições contemporâneas mais explícitas, que se dão por procedimentos externos, se resumem a poucos grupos, poucas semiosferas, poucas formações discursivas: militares, autoridades, papéis actanciais assumidos em determinadas solenidades, i.e., determinados rituais de circunstâncias. O que todos têm em comum em relação ao riso? Ou melhor, o que todos eles têm em comum contra o riso? Ora, a resposta não é evidente? O que tais figuras têm em comum em relação ao riso é o pânico. Já as interdições mais implícitas, que ocorrem por meio de procedimentos internos, a partir da delimitação de regras que partem do próprio discurso sobre o riso com a função de classificar, ordenar e ditar sua distribuição: do que ou de quem se pode rir e de quais acontecimentos. Dadas as restrições, o último-homem obedece.

Pois bem, que o último-homem obedeça! Que não ria, que fale apenas a linguagem da

morte, que não deem senão ordens uns aos outros. Porque, assim, não haverá mais as pequenas doses de alegria que mantem semivivos esses pobres zumbis. Porque, assim, fenecerão mais rapidamente, mais acelerado será o tempo de seu fim. Que o último-homem nunca esboce um sorriso, que se afunde em gravidade, em peso, em seriedade. Para que possa morrer em paz, morrer logo, dando à luz a criança, que sempre ri, desdenha e brinca.

Referências

- ANDRADE, O. *Manifesto antropofágico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 39.
- ARISTOTELES. Tópicos. In: ARISTOTELES. *Os Pensadores*, vol. 1. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Pulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUDELAIRE, C. *Escritos sobre arte*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2020.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Mario Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.
- CAMPOS, H. *Qohélet/O que sabe - Eclesiastes*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CANETTI, E. *Massa e Poder*. Trad. Sérgio Tellarori. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- COURTINE, Jean Jacques. A voz do povo: a fala pública, a multidão e as emoções na aurora da era das massas. In: COURTINE, Jean Jacques; PIOVEZANI, Carlos (org.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FEDERICI, S. *O caliban e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2018.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- JOUBERT, L. *Traité du ris, suivi d' un dialogue sur la Cacographie française*. Geneva: Slatkine Reprints, 1973.
- MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo:

UNESP, 2003.

MUCHEMBLED, R. *Culture populaire et culture des élites dans la France moderne (XVe-XVIIIe siècle)*. Paris: Flammarion, 1978.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo/Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2018.

SPINOZA, B. *Ética*. Edição Bilingue. Trad. Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 15/01/2022